

ILS. 55  
BUENOS AIRES 9

RELATÓRIO DE VIAGEM - RORAIMA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL  
Data / /  
Cod. WPD00005

HISTÓRICO

Nos idos de 1670, os Portugueses realizaram as primeiras explorações na legendária região do vale do rio Negro. Anos mais tarde, em 1725, os Frades Carmelitas subiram o rio Branco, na missão de catequeses e de defesa dos silvícolas escravizados pelas famosas "Bandeiras de Resgate".

Ante as incursões de ingleses, holandeses e espanhóis, os colonizadores fundaram, em 1775, nas confluências do Tacutu com o Uraricoera, na margem esquerda do Tacutu, o forte São Joaquim e, nas margens do Uraricoera, outros dois postos militares. Tomando, dessa forma, posse efetiva das regiões, que passam a percorrer em todos os sentidos, na fainas naturais do comércio, do catequese e do reconhecimento militar.

Só na década de 1782- 1792 cogita-se da delimitação das fronteiras e se as estabelecem com a Venezuela.

Em 1787, Lobo D'Almada introduz a criação de gado na região, implantando as celebrações Fazendas Nacionais, (São Marcos, São Bento e São José). Na zona, ainda, da confluência dos rios Tacutu e Uraricoera.

Em 1841, tem início a questão de limites com a Guiana Britânica, questão que termina com a decisão ao monarca italiano em 1904, após longo debate.

Em 1943, é criado finalmente, o território, com o topônimo Território Federal de Rio Branco, alterado para Território Federal de Roraima, em 1962.

"A história desse território relata, no longínquo sentinela Brasileiro, as lutas pela conquista, alongamento e consolidação das fronteiras da pátria e reafirma a tradição de bravura e tenacidade dos colonizadores Brasileiros e Portugueses".

FREQ. N.º	317/8L
FLS.	56
RECIBO	(9)

A organização do Território Federal de Roraima copia a solução encontrada pelos EUA para o problema de conquista e ocupação do oeste, no século passado, Humboldt e Agassiz preconizaram a criação de Territórios Federais no Brasil tendo em vista promover o desenvolvimento desses embriões de Estado sem embaraçar a ação do Governo Federal, estimulando o desenvolvimento local e aproveitando o potencial dos territórios.

A questão de limites com a Inglaterra, de que resultou, para o Brasil, a perda de considerável parte da área contestada (hoje, distrito de Rupunumi, na Guiana Britânica, habitado ainda, por um grande número de famílias brasileiras) e o interesse de posses estrangeiras pela Amazonia, nos dias atuais, emprestam importância transcendental à necessidade de integração da região estudada na comunidade brasileira com urgência.

A atual situação dos Índios Macuxi/Wapixana, do território Federal de Roraima, decorre de um processo de contato inter-étnico de aproximadamente dois séculos. Vem desde a época das primeiras levas de "Desbravadores de Sertões" ou as "frentes expansionistas colonizadoras", quando o Brasil ainda se encontrava sob a Égi de Colonial Portuguesa.

Os Portugueses trouxeram os primeiros rebanhos bovinos, originadores do atual gado vacuum, bem como dos atuais latifúndios fazendários. Esses rebanhos ocuparam vastas áreas de lavrados, a partir da adoção do regime criatório extensivo, pelos então novos invasores. À época, ainda férteis, essas áreas propiciavam boas condições para criação de quaisquer animais, dispensando investimento de capital no preparo do pasto, porém exigindo a aplicação de significativas somas para construção de cercados. Devido as favoráveis condições a ocupação do território deu-se com rapidez, sob o impacto da inserção cada vez maior de gado.

CARACTERÍSTICA FISIOMORFOLÓGICAS NO TERRITÓRIO

Aspecto Geográficos

O Território de Roraima com sua área de 230.104 km<sup>2</sup> ocupa cerca de 2,7% da área total do Brasil, com mais de 70.000 hab

Com sua penetração para o alto, entre a Venezuela a oeste e a Guiana ao leste, alcançando o paralelo 5º16'19" de latitud

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI

de norte, é a parte mais setentrional do Brasil.

Os únicos municípios são: Boa Vista, capital do território com cerca 35.000 hab., e Caracarái, cidade Porto com 5.000 hab.

Distancias:

Manaus	- Boa Vista	- 775 km
Manaus	- Caracarái	- 641 km
Boa Vista	- Caracarái	- 134 km
Boa Vista	- Surumu	- 197 km
Boa Vista	- Taiano	- 97 km
Boa Vista	- Catrimani	- 280 km
Boa Vista	- Normandia	- 195 km

PROC. N.º	917/81
FLS.	57
RUBRICA	<i>[assinatura]</i>

No dia 13.12.1962 mudou-se o nome do território de Rio Branco para Roraima (Lei 4182) nome do monte que une as tres fronteiras (Brasil, Venezuela, Guiana). A etimologia de Roraima é xoróí: Caju; Imã: Serra; Roraima: Serra do Caju.

O relevo na parte setentrional do território é muito acidentado. As fronteiras são delimitadas pelo Planalto da Guiana, a quem pertencem as Serras Parima e Paracaima, com os montes Roraima (2.875m) e Caburáí (1.456m). Outras Serras modeladas pela erosão são: Serra do Sol, do Mel, do Marari de Maturuka, do Surucucu, do Tepequém, esta última é um antigo vulcão extinto à milênios.

Ao norte, entre a imensa floresta amazônica e as primeiras serras, encontram-se os campos gerais ou savanas, denominadas localmente, lavrados.

Não se pode generalizar a situação climática para todo o território, sendo bem diferente devido ao relevo, a vegetação e a latitude. Em Boa Vista as temperaturas médias são de 24 a 32 graus. Os meses mais frios são: Junho, Julho e Agosto, época de chuva. Os quentes são outubro, novembro e dezembro. Por isso pode-se falar nas estações chuvosas e seca.

A região úmida é o lavrado, iniciando-se as chuvas em maio indo até setembro com uma média de 1500mm, como total anual de pluviosidade, registrada em Boa Vista. O período de seca estende-se por 7 meses, havendo, vez em quando, tres meses sem pluviosidade alguma. A distribuição das chuvas no decorrer do ano, com a estação seca e a chuvosa, tem uma influência grande na agricultura, sendo os meses de

*[assinatura]*

maio e junho o tempo de plantio e agosto de setembro a época de colheita. Fato que reflete significativamente na pecuária regional : nas estiagens mais acentuadas o gado sofre muito pela falta de pastagens verde e de água. O clima em geral é úmido com uma estação seca acentuada na área dos campos, sendo maior a pluviosidade no baixo Rio Branco, onde a estação é branda.

O Rio Branco é o rio principal, chegando no inverno a encher uma enorme bacia de mais de 584km de comprimento, dois a três km de largura e na média 10m de altura. É formado pelos rios Uraricoera (26.700 KM) e o Tacutu que trazem as águas das regiões serranas. São afluentes do Uraricoera, os rios Auaris, Uraricara, Amajari e Parimé. O Tacutu possui o Maú e o Contigo, Cricos de Ouro e Diamante, este último recebe o Surumu.

Muitos outros rios e igarapés existem nesta região, ornamentados pelos buritizais com palmas sempre verdes.

No interior do território as estradas são inexistentes, as únicas ligações são a BR 174, que liga Manaus a Venezuela e a BR 401 que liga Boa Vista com a Guiana, favorecendo a colonização do interior.

Está em construção também a BR 210 (Perimetral norte) que ligará Macapá com a Colômbia. O impacto sofrido pelos indígenas foi cruel em todas essas áreas. (dados extraídos de "Roraima 1969" de Antonio Ferreira de Souza).

A cidade de Boa Vista está localizada no hemisfério norte (29 48' N e 609 48' W Grw) e possui um clima tropical típico, neste monçônico: altas temperaturas médias durante o ano (variação entre 26°C e 29°C), 6 meses de precipitações torrenciais (1.453 mm de abril a setembro) e 6 meses de fracas chuvas (298mm de outubro e março) A vegetação da área de Boa Vista é xeromórfica, (não tem deficiência hídrica e possui estrutura semelhante a dos xerófitos), adaptando-se em todas as direções com dois sistemas ecológicos: 1) savana; 2) savana-estépica.

#### 1- Sistema de Savana

A savana da bacia do Alto Rio Branco tem uma fisionomia campestre com árvores isoladas de pequeno porte que, às vezes

se adensam nas proximidades dos cursos d'água, ladeados por filas de palmeiras e de pequenas depressões lagunares, na sua maioria temporárias.

O clima do Rio Branco, é tropical (com 2 estações bem marcadas), o que significa um déficit no balanço hídrico das plantas durante alguns meses, isto somado à genese geomorfológica da área talvez seja a melhor explicação para a existência desse tipo de formação que aí se estabeleceu. A planura coberta por essa savana apresenta um relevo levemente ondulado de acumulação quaternária, com frequentes cristas e blocos de embasamento cristalina (granitos, gnaisses, quartzitos, xolitos e basaltos) revestidas pela savana estépica. A planície apresenta um terreno de textura areno-argilosa relativamente fértil, frequentemente entalhado por cursos d'água rasos e pequenas depressões fechadas e cheias d'água na época das chuvas. A ação antrópica na área é antiga. As primeiras notícias sobre as atividades agropastoris na área do Rio Branco datam de 1787. Assim, alguns das fisionomias ecológicas encontradas representam apenas a paisagem atual. No entanto, a ação antrópica, como formadora das savanas, se torna cada vez mais hipotética, podendo-se responsabilizar o homem apenas pelas modernas alterações estruturais que a desvastação e o fogo exerceram sobre as mesmas, fato que não invalida a teoria do crescimento natural da savana.

#### - Ecossistema da Savana Graminosa (Campo) -

A fisionomia da savana Graminosa do Rio Branco, paisagem dominante, caracteriza-se pelos campos, que se estendem pelas ondulações no pediplano de Boa Vista, entremeados de lagoas temporárias, mas as vezes salobras, povoadas de aninga (*motrichar dia arborecencens*) e densa rede de drenagem ladeada por filas de buritis (*mauritia flexuosa*). Esta savana graminosa, amplamente dominada por graminias, apresenta algumas lenhosas anãs, destacando-se a birsonima *verbacifolia* pelas suas enormes folhas ao nível do solo e muitos outros pequenos arbustos de folhas menores.

0916/81  
63  
9

- Sistema de Savana Estépica

A savana estépica ocupa a área dissecada do extremo norte brasileiro, situada entre a savana da planura de acumulação do Graben do Tacontu ao sul e o Planalto florestando da Venezuela ao norte. Seu limite oeste é nítido e bem demarcado pela floresta densa montana e pelo campo cerrado da área arenítica. Seu limite leste é impreciso, indo provavelmente até a Guiana.

A área sofre ação depredatória do homem na garimpagem frenética do diamante e ouro, onde o fogo e o desmatamento são efeitos comuns da ação mineira. No entanto, vale ressaltar que as chuvas são bem marcadas por um período seco prolongado e a vegetação é tipicamente xeromórfica, além disso, o grau de dissecção em que se encontra atualmente a área, onde rochas vulcânicas ficaram expostas, às vezes ainda capeadas por arenitos horizontais, mostra um intenso processo de aplainamento, pretérito à cobertura vegetal que não poderia ter sido florestal.

- Sistema de Savana-Estépica Graminosa

Esta fisionomia é típica das áreas planas dos vales abertos (provável ação antrópica) e do topo das áreas areníticas aplainadas (com menor probabilidade de serem por ação antrópica). Ao longo dos pequenos cursos d'água, em geral rasos e espraiados aparecem alguns buritis (*Mauritia Flexuosa*), que não chegam a influir na paisagem. O campestre dos vales é denso e dominado pelas gramináceas hemicriptófitas da savana. E o das formas tabulares é mais ralo e com maior abundância de aristida e espécies xerófitas. Existem, além dessas áreas campestres, outras áreas gramíneas menores nas encostas do relevo dissecado, intercalados com as outras fisionomias da savana estépica.

Regiões geo-morfológicas: 1) Extensa penepalanície sedimentar recoberta, predominantemente, de campos naturais; 2) Região vulcânica montanhosa, constituindo uma faixa de direção oeste, leste, revestida, em grande parte, de campo cerrado e situada ao norte da penepalanície; 3) Região sedimentária, com "hog-backs", "cuestas" escalonadas, plataformas e mesas, ocupando o extremo norte; 4) Uma região

montanhosa, revestida de densas florestas virgens, ocupando a parte ocidental do território, a oeste da peneplanície; 5) região de planície sedimentar, situada ao sul da peneplanície.

Geomorfologia e geologia:

É quase completamente coberta por delgada capa delgada sedimentar areno-argilosa, muito permeável, na qual os igarapês e os rios entalharam canais rasos, cujos leitos mostram, frequentemente, rochas duras antigas; daí estar, quase totalmente embebidas de água durante a maior parte do ano, o grande número de lagoas e uma densa rede de igarapês são resultantes desse fenómeno; muitos lagos são drenados, subterraneamente, para igarapês e rios mais próximos.

Solos:

O solo dos campos é raso e ácido e é provável que, dada a natureza de seu substrato, sua vegetação tenha sido há uns dois séculos atrás, um climax. Não apresenta, atualmente, a fertilidade que lhe foi atribuída outrora. O acelerado processo de lateralização, bem como a dessolagem, promoveram, juntamente com as queimadas frequentes (de uma a três por ano), completa remoção dos horizontes de húmus. Embora a topografia da região seja sub-horizantal, com fraca declividade, o efeito da lavagem das águas das chuvas foi bastante intenso, chegando a acarretar o afloramento de inúmeros blocos de canga. Nas margens das depressões existentes no peneplano, há o aparecimento de um solo mais húmido. A presença de leguminosidade nas zonas mais poupadas pelo fogo, parece indicar uma distribuição anterior mais generosa dessa espécie vegetal, o que implica a existência de melhores pastos e solos mais ricos, num passado de cerca de 200 anos. Atualmente os solos, embora de boa constituição física, são pobres em sais de cálcio e fósforo e em matéria orgânica, densamente lateralizados e intensamente desgastados pelos agentes erosivos e pelas queimadas constantes.

O revestimento florístico da planície do alto Rio Branco caracteriza-se pela existência de savana, tipo cerrado, dos campos limpos e das matas ciliares. A população de Roraima designa os diversos tipos de vegetação dessa zona por expressões pecu

PRCC. N.	0916/81
FLS.	64
RUBRICA	ap

liares: a) "campos cerrados" ou "sujos", onde começam a surgir árvo-  
res, como o caimbê e o murici; b) "campos agrestes", ou "lavrados" completamente despidos de árvores e arbustos, campos limpos, onde muitas vezes as gramíneas não chegam a formar um tapete contínuo; dentre suas causas, situam-se as queimadas anuais, que eliminam a matéria viva do horizonte superficial; e c) "campos de baixada", os que correspondem aos pastos úmidos; as gramíneas cobrem completamente o solo; linhas de meritis acompanham os terrenos úmidos dos cursos dos Igarapês ou os "chava-cais" (termo usado na região para designar atoleiros), ou margeiam as lagoas circulares, dando um toque de estranha beleza, com seu talhe esbelto e sua fonte generosa, a paisagem monótona e de horizontes longínquos; aqui e ali, as matas ciliares acompanham o curso dos rios.

É provável, a julgar pela existência de seus remanescentes, que tivesse havido em épocas remotas uma distribuição mais farta de leguminosas nos imensos descambados. Hoje esses vegetais sobrevivem, apenas, nas áreas menos maltratadas pelas queimadas.

#### OS ÍNDIOS:

Nas áreas denominadas lavrados, habitam desde tempo imemorial tribos de silvícolas Makuxi, Wapixana, Jaricuna, Taurepang e outros; "os quais desenvolveram apurada técnica de sobrevivência no meio, retirando os proventos fundamentais que lhes assegurassem a sobrevivência". Certamente nas referidas áreas de solo paupérrimo e matas pouco espessas desenvolveram um tipo de produção voltado basicamente para a subsistência dos grupos, cujos excedentes eram estocados para os meses difíceis, ou então trocados com tribos vizinhas. Sua economia era subsidiada por pequenas criações domésticas, caça e pesca, as quais eram abundantes em todo o território.

A população indígena compõe-se de elementos diferentes que moram em toda a extensão do território. O grupo mais numeroso compõe-se de elementos de origem Karib. O termo karib designa um grupo etnológico de tribos aparentadas que se estende da ponta sul da península Flórida sobre as Antilhas, a Guiana, Venezuela até os limites amazônicos. Afirma-se que estas tribos são de ori-

PROC. N.	0916/81
FLS.	65
	190

*[Assinatura]*



gem asiática, emigrados pelo estrieto de Bering, ocupando estas faixas depois de lutas com outros grupos. O outro grupo é ARUAK, que ocupa grande parte do centro do território da Guiana, até o norte do Mato Grosso. Sendo os idiomas Karib e Aruak complementemente diferentes.

O grupo Karib mais numeroso é dos Macuxi (macusi), que ocupa as serras do nordeste do território, às margens do rio Cotingo, Maú, Quinó e Surumu, e em parte na Guiana (antiga Inglesa). Os Macuxi são classificados nos seguintes sub-grupos: Mo noicó, Asepang, Pezak'ko, Quesserumá ou Kesê. Outros grupos Karib são: Iecumã ou Malogon, Penom (chamados pelos outros de Taurepang, Kararakoto ou Arecuna); que moram nos limites com a Venezuela. O grupo Aruak é dos Wapixana que ocupa a área ao redor de Boa Vista, Taiano, Mangueira e Serra da Moça. Na Serra da Lua, Malacacheta, Canaí, Tábua Lascada, Pium, Manoã, Jacamim, o número dos Wapixana é em torno de alguns milhares. Outro grande grupo ocupante a oeste do território é o do Yanomani. Somando quase 35.000, os Índios perfazem um montante equivalente à metade da população territorial.

No século 18, a população indígena na região era estimada em 120.000 índios, donde se pode deduzir a enorme quantidade de malocas (aldeias) em todo o território. Contudo o crescimento pecuário em caráter extensivo e totalmente descontrolado, sem tratamento do solo, contribuiu para enfreqüecê-lo e desestruturar a situação dos Índios. Os pastos são cobertos de gramíneas as nativas de pequeno valor nutritivo. As plantas são mais tenras, palatáveis e nutritivas, nos campos de baixada, locais mais úmidos, onde elas se apresentam como um tapete contínuo, e nos campos cobertos, onde a terra é mais rica. Nos campos agrestes ou "lavrados", as gramíneas são pouco apreciadas pelo gado, apresentando-se em tufo e deixando ver, nos intervalos, o solo empobrecido pela erosão e pela ação do fogo, que destrói a matéria viva do horizonte superficial. O sistema extensivo de criação de gado se caracteriza pelo fato do gado ser deixado à solta, em campos abertos comuns, alimentando-se de pasto natural, não sendo submetido a nenhum controle de reprodução: as técnicas adotadas tem evoluído pouco, com o passar dos anos.

PROC. N.	916/85
FLS.	66
RUBENCA	<i>[assinatura]</i>

*[assinatura]*

Raramente o criador possui quaisquer instalações para a criação racional do gado, ou investe no reaproveitamento do solo.

Uma das consequências do contato índio/regional foi que os primeiros tiveram suas terras invadidas pelo gado. Sendo afetados de várias formas, tanto na ocupação do espaço, regido por tradições e costumes diretamente vinculados às condições materiais, ou seja, o relacionamento índio/natureza; como, consequentemente, quanto a reorganização sócio-cultural, condicionada pela presença marcante de elementos culturais alienígenas, que aos poucos tornaram-se dominantes, a ponto de hoje haver alterado inclusive a cosmologia indígena. É evidente que tais mudanças nas condições reais de sobrevivência levaram os índios a uma adaptação tal que se preservassem enquanto seres humanos. O expansionismo pecuário implicou na violação de ecossistemas naturais, onde os índios viviam em condições de equilíbrio com a natureza. A alteração no equilíbrio desses ecossistemas implicou no escasseamento da caça e erosão do solo, além da violação de um espaço mantido sob leis naturais distintas das que regem o fenômeno agropecuário. Naturalmente os índios foram obrigados a abater reses, que se constituíam numa nova espécie de caça, saborosa e nutritiva. Evidentemente desconheciam culturalmente o fato do gado ser propriedade alheia. Do ponto de vista tradicional, os elementos que caracterizavam o fenômeno da caça eram naturais, ou seja, o gado solto nos lavrados pertencia à natureza, e não ao pecuarista, principalmente porque estes haviam se estabelecido em terras tradicionalmente indígenas. Daí, o possível desrespeito à ótica do proprietário ter gerado violentos conflitos; tendo sido mais prejudicados os índios, que não dispunham de armamentos como os regionais. Possivelmente esses conflitos assumiram distintas conotações, uma vez que os polos conflitantes possuíam óticas antagônicas. Enquanto para o índio a questão era a sobrevivência, para o pecuarista o problema era proteger sua propriedade.

Com o prevailecimento dos valores e regras sociais dos regionais sobre os nativos, somado à cada vez mais pre-

MOD.: 115

PROC. N.	916/81
FLS.	67
RUBRIC.	φ

cárias condições naturais de subsistência os Índios foram obrigados a se mudarem para locais onde gado e seus criadores não pudessem atingir facilmente (matas e serras); contudo, outros grupos simplesmente receberam passivamente os invasores. Deixaram então, que os interesses dos regionais fossem impostos sobre eles. Do contato acarretou a dependência de bens manufaturados da sociedade nacional e sua inserção no mercado pecuário como vaqueiros, caracterizando-se como a mão de obra barata à disposição dos pecuaristas. Culturalmente enfraquecidos, porque impedidos de se dedicarem às suas atividades tradicionais, quer pelo tempo dispendido no trabalho de vaqueiro, que lhe consumia praticamente todo o tempo, sem lhe dar, em troca, o suficiente para progredir e mudar esse aspecto de dependência; visto que anteriormente tinham condições de vida mais vantajosas quanto à subsistência e a disponibilidade de tempo para praticar atividades peculiares à sua cultura. Agora existia um impedimento concreto, de praticar seus rituais e exercer suas crenças, causado pela catequese e pela ridicularização dos "civilizados", o que os levaram a assumir um sentimento de inferioridade que perdura ainda hoje. Atualmente são apenas uma categoria discriminada na estrutura social regional, não obstante sua importância no suprimento do mercado local de mão de obra.

Elementos estranhos à cultura índia influenciaram decisivamente no declínio populacional das muitas tribos do território: enfermidades trazidas pelos invasores, cachaça, sal, açúcar, conservas e medicamentos estranhos, somado às guerras intertribais, certamente contribuíram para a mortandade verificada durante dezenas de décadas de colonização. A absorção de índios nas fazendas também influenciou para diminuir a densidade de índios nas aldeias, alterando inclusive, as formas tradicionais de ocupação do espaço; possivelmente seja esse um elemento importante para explicar a atual organização física das malocas.

O "apadrinhamento" de crianças índias, como "filhos adotivos" (crias) de pecuaristas ambiciosos, contribuiu para a destribalização e conseqüente quebra da concepção índia do universo visando com isso obter maior proveito daquele tipo de força de trabalho.

0916/81  
68  
90

Diniz, que estudou os Índios do Território com profundidade, cita o exemplo de um caboclo que viu trabalhando numa fazenda. Quando perguntou ao fazendeiro quanto ele pagava ao Índio, obteve como resposta: "não pago nada. É meu filho e tem que trabalhar para mim".

De sorte que é sobre panorama que se assenta a atual situação dos Índios de Roraima.

09/11/81  
69  
RS

DGPI/DID/AFT/mhtnf.

REC 0916/81  
70  
Φ

TABA LASCADA

CEDI - P. I. B.  
DATA 23 / 04 / 81  
COD. WPD Φ 5

Introdução:

Os índios são Macuxi (karib) e Wapixana (Aruak).

Localização:

A aldeia fica próxima às malocas da Malacacheta e Canauanim, que ficam nos arredores de Boa Vista.

Mágico/Religioso:

Não foram verificadas reminescências culturais de ordem mágico-religiosa tradicionalmente indígenas. É notória a influência da religião católica, inclusive existe uma igreja no local.

Histórico Recente:

Segundo a narrativa dos índios mais velhos da maloca: "os índios moravam na região e fabricavam farinha. Então os brancos vinham buscar farinha de graça", ou seja tomando à força. Os índios dizem até que eram ameaçados pelos regionais. Segundo afirmam, Rondon soube desse caso e veio à região para acabar com a exploração e definir área para os índios.

Sócio Político:

Os índios de Taba Lascada tem uma liderança atuante, mantida pelo tuxaua Clóvis Ambrósio. Sua representatividade é reconhecida pelos índios da maloca e vizinhanças. Os índios ainda conservam o uso da língua nativa, o que é um bom indicador de sua especificidade étnica. Os índios de Taba Lascada, Malacacheta e Canauanim de mostram plena integração intertribal. Alguns dos fatores que determinam isso são:

- 1) Proximidade das áreas. São limítrofes.
- 2) Facilidade de acesso às áreas pelos índios.
- 3) Predominância de grupos ligados pela mesma língua e por relações sociais mais intensas.

A maloca é composta de 20 casas dispostas espalhadamente. Possuem paredes de taipa, chão batido, cobertura de palha de Buriti. Aproximadamente 60% das malocas estão em más condições de uso.

*[Handwritten signature]*

0916/81  
71  
P

Atividades Econômicas:

A estrutura econômica da comunidade da Taba Las cada não difere, formalmente, das outras comunidades. Sua organização econômica baseia-se na agricultura de subsistência, que hoje tende a passar desse estágio à produção para o mercado regional, contudo esta transição está nas primeiras fases. O excedente produzido atualmente é comercializado na feira de Boa Vista. Suas roças são individuais, mas a derrubada da mata é feita em conjunto. Produzem produtos típicos da região: arroz, banana, milho, mandioca.

Atividades Criatórias:

Gado - Possuem 10 réses

Criam algumas galinhas e porcos. Não comercializam estes animais.

Caça:

É praticada na Serra da Malacacheta. Apesar da escassez da fauna, a caça ainda é importante na complementação da dieta da dieta dos índios.

Pesca:

O rio Quitauau e Igarapé São Lourenço.

Artesanato:

Os índios fabricam alguns instrumentos tradicionais, mas em pequena quantidade: Tipiti, Peneira, Jamachim, Balaio, Cestas, são alguns desses instrumentos.

Cantina: São onze sócios. Somente eles podem comprar a prazo; Pagam quinzenalmente. A cantina abastece a comunidade de produtos citadinos.

Integração Social:

Intertribal:

Ocorre pleno entrosamento da comunidade da Taba Lascada e a vizinhança.

Índio/FUNAI:

A delegacia regional presta a assistência possível à comunidade indígena.

*[Handwritten signature]*

0916/81  
2  
4

Interétnico:

Os conflitos são generalizados. Os índios afirmam que os fazendeiros os impedem de caçar e pescar. Alegando que as áreas onde tem mata e igarapês estão dentro das suas propriedades. Outro motivo alegado pelos regionais é que os índios não podem ir até o igarapé e o rio porque podem roubar o gado do fazendeiro.

Saúde e Saneamento:

A assistência médica é prestado pela EVS, na aldeia e pela casa do índio, em Boa Vista. As principais doenças ocorridas na área são: malária, verminose, gripe, sarampo, desintéria. As condições sanitárias são precárias.

Educação:

Existe uma construção de madeira, coberta de bra silit com piso de cimento, dois cômodos, onde funciona a escola. Tem 36 alunos matriculados nas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries.

Igreja:

Existe uma construção feita pelos índios onde funciona a Igreja. São boas as instalações relativamente às outras construções. O padre os visita mensalmente.

IX - Divisas Territoriais:

Os índios afirmam que com a chegada dos regionais vários sítios antropológicos foram destruídos. Entretanto, conhecem os limites de suas terras e sabem que a área que lhes restam é apenas suficiente para a comunidade trabalhar e abrigar seus filhos.

9

0916/81  
73  
①

Proposta do GT:

Ao fazer a eleição este GT considerou não somente a imemorialidade da área, mas sobretudo as necessidades atuais do grupo. Nos aspectos mais relevantes à sua economia e manutenção do que remanesce de seus costumes tribais.

*Handwritten signature*



MINISTERIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

DEMOGRAFIA

<u>NOME</u>	<u>GRUPO INDÍGENA</u>	<u>SEXO</u>	<u>IDADE</u>
Cloves Ambrósio	Uapixana	M	1945 1
Francisca Guria Ambrósio	Uapixana	F	1956 2
Valéria " "	Uapixana	F	1974 7
Claudimir " "	Uapixana	M	1976 5
Valomã " "	Uapixana	M	1978 5
Sofia " "	Uapixana	F	1980 6
Jocileide Cruz Cadete	Uapixana	F	1969 7
Joseleine Cruz Cadetê	Uapixana	F	1967 8
Maria Madalena Ambrósio	Uapixana	F	1929 9
Cosme da Silva	Uapixana	M	1938 10
Lamita Ambrósio	Uapixana	F	1937 11
Plínea da Silva	Uapixana	F	1957 12
Sônia da Silva	Uapixana	F	1965 13
Félix da Silva	Uapixana	M	1968 14
Francelane da Silva	Uapixana	M	1974 15
Tanêia da Silva	Uapixana	F	1977 16
Raimunda da Silva	Uapixana	F	1902 17
Narcísio Fidelis Felipe	Macuxi	M	1946 18
Rosilda Felix Raposa	Macuxi	F	1950 19
Tendison Gabriel Felipe	Macuxi	M	1972 20
Rosinlire Felipe	Macuxi	F	1973 21
Gerson Felipe	Macuxi	F	1977 22
Jadson Felipe	Macuxi	M	1979 23
Atlas Pereira	Uapixana	M	1940 24
Cesarina Pereira da Silva	Uapixana	F	1955 25
Lídia Pereira da Silva	Uapixana	F	1969 26
Ester Pereira da Silva	Uapixana	F	1971 27
Miriam Pereira da Silva	Uapixana	F	1974 28
Oséias Pereira da Silva	Uapixana	M	1975 29
Arlete Pereira da Silva	Uapixana	F	1977 30
Epitácio Manuel da Silva	Uapixana	M	1937 31
Maria Cruz da Silva	Uapixana	F	1939 32
Célio Cruz Jorge	Uapixana	M	1954 33
Alfredo Jorge Filho	Uapixana	M	1965 34
César Cruz Jorge	Uapixana	M	1957 35
Noberto Cruz da Silva	Uapixana	M	1965 36

MINISTERIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

77  
C916/31  
CP

<u>NOME</u>	<u>GRUPO INDÍGENA</u>	<u>SEXO</u>	<u>IDADE</u>
Maria do Carmo Cruz da Silva	Uapixana	F	1969 37
Elias Cruz da Silva	Uapixana	M	1972 33
Severino Cruz da Silva	Uapixana	M	1975 39
Olinda Cruz da Silva	Uapixana	F	1962 40
José Ambrósio Colares	Uapixana	M	1922 41
Juventina Ambrósio Colares	Uapixana	F	1926 42
Alderizio Ambrósio Colares	Uapixana	M	1946 43
Oswaldo Ambrósio Colares	Uapixana	M	1949 40
Maria de Fátima Ambrósio Colares	"	F	1954 45
José Ambrósio Colares	Uapixana	M	1955 44
Francisco Ambrósio Colares	Uapixana	M	1957 42
José Luiz Ambrósio Colares	Uapixana	M	1959 48
Francisca Rosa da Silva	Jakicuna	F	1933 49
Valdival Pereira da Silva	Uapixana	M	1966 50
Vanderlêia Pereira da Silva	Uapixana	F	1969 51
Lucélia Pereira da Silva	Uapixana	F	1971 52
Lucineide Pereira da Silva	Uapixana	F	1974 53
Lucinêia Pereira da Silva	Uapixana	F	1976 54
Aldenise Pereira da Silva	Uapixana	M	1978 55
Manuel Cavalcante	Uapixana	M	1902 51
Maria Sinkê Cadete	Uapixana	F	1895 57
Raimundo Pereira Silva	Uapixana	M	1927 58
Maria Josefa da Silva	Uapixana	F	1936 59
Roberval da Silva	Macuxi	M	1964 60
Rovelmar da Silva	Macuxi	M	1967 61
Lucinete da Silva	Macuxi	F	1969 62
Lessandra da Silva	Macuxi	M	1978 63
Raimundo da Silva	Macuxi	M	1979 64
Francineide Pereira da Silva	Macuxi	M	1957 65
Alciada Leonídia	Uapixana	F	1957 66
Francilvânia Pereira da Silva	Macuxi	F	1980 67
José Leocádio da Silva	Uapixana	M	1919 68
Helena Leocádio Angêlo	Uapixana	F	1926 69
Alcides Leocádio da Silva	Uapixana	M	1965 70
Cátia Leocádio da Silva	Uapixana	F	1966 71
Jonas Leocádio da Silva	Uapixana	M	1968 72
Gevaldo Leocádio da Silva	Uapixana	M	1968 73

<u>NOME</u>	<u>GRUPO INDÍGENA</u>	<u>SEXO</u>	<u>IDADE</u>
Josilde Leocádio da Silva	Uapixana	F	1971 70
Evandro Leocádio da Silva	Uapixana	M	1976 75
Fredson Leocádio da Silva	Uapixana	M	1980 76
Deodato Leocádio da Silva	Uapixana	M	1948 77
Cidéria Carlos da Silva	Uapixana	F	1957 78
César Leocádio da Silva	Uapixana	M	1973 79
Válter Leocádio da Silva	Uapixana	M	1975 80
Evilene Leocádio da Silva	Uapixana	F	1976 81
Gracilene Leocádio da Silva	Uapixana	F	1978 82
Américo Ambrósio	Uapixana	M	1918 83
Cristina Ambrósio	Macuxi	F	1919 84
Benício Ambrósio	Macuxi	M	1967 85
Jesuila Ambrósio	Macuxi	F	1976 86
Elias Augustinho	Uapixana	M	1951 87
Linda Augustinho	Uapixana	F	1952 88
Diana Augustinho	Uapixana	F	1974 89
Maria Helena Augustinho	Uapixana	F	1976 90
Jesuita Augustinho	Uapixana	F	1978 91
Geraldo Augustinho	Uapixana	M	1980 92
Cassimiro Silva Santos	Uapixana	M	1926 93
Olívia Vieira dos Santos	Uapixana	F	1949 94
Marilene Silva Santos	Uapixana	F	1972 95
Aldileine Silva Santos	Uapixana	F	1975 96
Dolilene Silva Santos	Uapixana	F	1976 97
Océlio Silva Santos	Uapixana	M	1918 98
Jocilene Silva Santos	Uapixana	F	1980 99
Liandro Barreto	Uapixana	M	1934 100
Maria Francisca Barreto	Uapixana	F	1946 101
Ribamar Barreto	Uapixana	M	1963 102
Geacilda Barreto	Uapixana	F	1965 103
Gilmai Barreto	Uapixana	M	1969 104
Jilma Francisco Barreto	Uapixana	F	1972 105
Leandro Francisco Barreto	Uapixana	M	1975 106
Paulo Lima da Silva	Uapixana	M	1905 107
Genoveva Lima da Silva	Uapixana	F	1908 108
Augusto Ambrósio	Uapixana	M	1934 109
Francisca da Silva Ambrósio	Uapixana	F	1944 110
Jordão Ambrósio	Uapixana	M	1966 111

*[Handwritten signature]*

<u>NOME</u>	<u>GRUPO INDÍGENA</u>	<u>SEXO</u>	<u>IDADE</u>
Martinho Ambrósio	Uapixana	M	1969 112
Francisco Ambrósio	Uapixana	M	1971 113
Francineide Ambrósio	Uapixana	F	1974 114
Francinelda Ambrósio	Uapixana	M	1877 115
Nivaldo Cavalcante	Uapixana	M	1937 116
Margarida Lima Cavalcante	Uapixana	F	1942 117
Erilene Lima Cavalcante	Uapixana	F	1964 118
Edmilson Lima Cavalcante	Uapixana	M	1966 119
Luzia Lima Cavalcante	Uapixana	F	1968 120
Rubens Lima Cavalcante	Uapixana	M	1972 121
Robercivaldo Lima Cavalcante	Uapixana	M	1973 122
Leonilde Lima Cavalcante	Uapixana	F	1975 123
Oswaldo Cruz da Silva	Uapixana	M	1950 124
Gracilda Barreto Cruzes	Uapixana	F	1964 125
Antônio Malaquias	Macuxi	M	1939 126
Dionísia Ferreira	Macuxi	F	1942 127
Maria Rosita Malaquias	Macuxi	F	1964 128
Felipe Malaquias	Macuxi	M	1968 129
Maria Marnilse Malaquias	Macuxi	F	1972 130
Lucinete Malaquias	Macuxi	F	1974 131
Eliton Malaquias	Macuxi	M	1976 132
Antônio de Lima Gastão	Macuxi	M	1947 133
Edineusa Raposo Gastão	Macuxi	F	1953 134
Giselda Raposo Gastão	Macuxi	F	1968 135
Velbe Raposo Gastão	Macuxi	M	1970 136
Altair Raposo Gastão	Macuxi	M	1972 137
Antônio Gastão Neto	Macuxi	M	1979 138
Gelsa Raposa Gastão	Macuxi	F	1980 139
Manuel Gaudino Ferreira da Silva "		M	1932 140
Raimundo Cruzes	Macuxi	F	1943 141
Maricilde Cruzes	Uapixana	F	1968 142
Marinilda Cruzes	Uapixana	F	1971 143
Júnior Cruzes	Uapixana	M	1975 144
Francisco Chagas da Silva	Macuxi	M	1940 145
Maria Alexandrina de Souza Lima	Uapixana	F	1906 146
Davi Tomé	Uapixana	M	1931 147
Flávio Ambrósio	Uapixana	M	1951 148

MINISTERIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

09/01/81  
80  
F

<u>NOME</u>	<u>GRUPO INDÍGENA</u>	<u>SEXO</u>	<u>IDADE</u>
Valdecília Cruzes	Uapixana	F	1952 / 149
Cleide Ambrósio	Uapixana	F	1969 / 150
Sérgio Ambrósio	Uapixana	M	1972 / 151
Cheila Ambrósio	Uapixana	F	1974 / 152
Cleucimar Ambrósio	Uapixana	M	1976 / 153
Claudete Ambrósio	Uapixana	F	1978 / 154
Jesus Ambrósio	Uapixana	M	1979 / 155
Adelino Peixoto	Uapixana	M	1942 / 157
Edna Peixoto Nazareno	Uapixana	F	1952 / 157
Joel Peixoto	Uapixana	M	1970 / 158
Jair Peixoto	Uapixana	M	1972 / 159
José da Costa Pereira	Macuxi	M	1915 / 160
Cilas Costa Pereira	Macuxi	M	1957 / 161
Dalberto Pereira Galvão	Uapixana	M	1912 / 162
Nazareno de Souza	Uapixana	M	1965 / 163
Sebastião Augustinho	Uapixana	M	1960 / 164
Martim Augustinho	Uapixana	M	1964 / 165
José Carlos de Oliveira	Uapixana	M	1959 / 166

PROPOSTAS EXISTENTES

Em 1977 foram criados 2 (dois) sub-grupos de trabalho com a finalidade de proceder levantamento e delimitação das áreas indígenas designadas pela Portaria nº 549/550 P de 21.10. Em 1979 novo GT foi designado pela Portaria 509/E de 09.01, para proceder fechamento dos descritivos das áreas indígenas já levantadas' e concluir o levantamento de 1977.

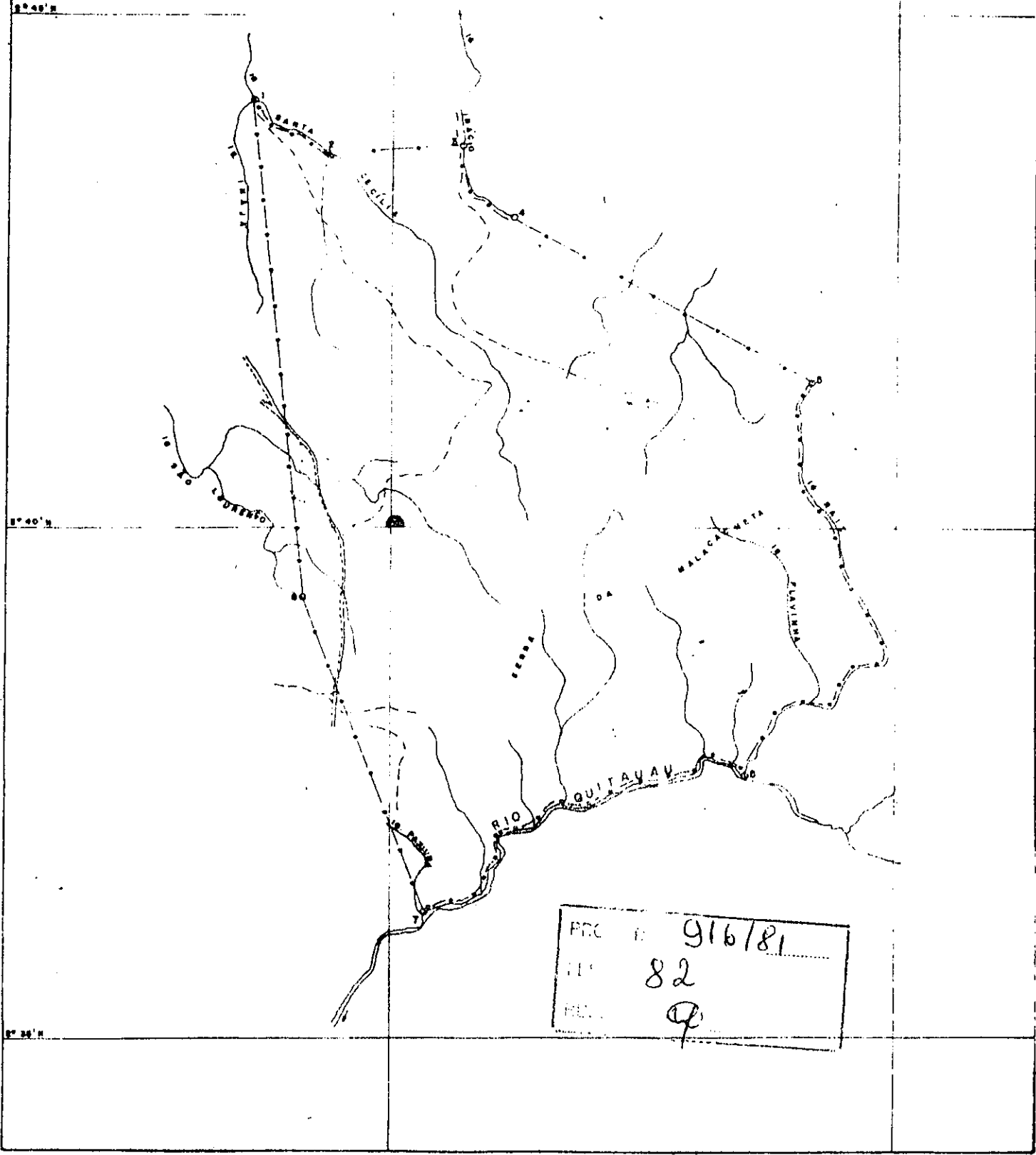
Em 1980 foram designados pela ITE nº 045/DCPI de' 10.09 dois servidores com o objetivo de avaliarem os serviços ' executados por estarem verificado-se as mesmas dificuldades anteriores no Processo Demarcatório, uma vez que os Pecuaristas da Região' opunham-se aos limites estabelecidos pela FUNAI.

Diante disso, os servidores encontraram sérias dificuldades e não tiveram condições de resolver a questão.

Neste mesmo ano foi designado pela Portaria Nº 852/ E de 08.10.80, novo GT, composto pelos servidores Antonio Flávio ' Testa, antropólogo e Aureo Araújo Faleiros, engenheiro agrimensor , para reestudar as áreas Sucuba, Ouro, Aningal, Ananás, Manoá-Pium , Santa Inez, Araça, Ponta da Serra, Cajueiro e Mangueira. Estas áreas foram demarcadas em 1981.


Em 28 de maio de 1981 foi designado um GT pela Portaria nº 950/E, de 28.05.81 composto pelos mesmos servidores acima citados para reestudar as áreas Serra da Moça, Pium, Boqueirão, Anta, Barata, Livramento, Tabalascada, Canauanim, Malacacheta e Truaru. E identificar e eleger as áreas de Jabuti, Recanto da Saude (Moscou), Muriruh, Raimundão, Morcego.

Destas somente Raimundão não foi estudado por estar, à época, inacessível, devido as chuvas torrenciais.



**SINAIS CONVENCIONAIS**

- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
- -ALDEIA INDÍGENA
- ~~~~~CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- -PONTOS DEFINIDORES DO LIMITE
- =====-RODOVIA DE REVESTIMENTO BOLTO
- - - -CAMINHO

 <p><b>MINISTÉRIO DO INTERIOR</b>  <b>FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI</b>          DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGPPI</p>			
<b>ÁREA INDÍGENA TABÁ-LASCADA</b>		<b>DELIMITAÇÃO</b>	
<b>BOA VISTA</b>		ÁREA: 7 000 ha	PERÍMETRO: 43 km
<b>T. F. DE NORAIMA</b>		ESCALA: 1:100.000	DATA: 23/12/81
<b>10º DR</b>		PROJECÇÃO: ST/PORTARIA Nº 800-E DE 28/02/81	BASE CARTOGRÁFICA: FOLHA TOPOGRÁFICA DES - ANO 1980
TÍT. ANTA PELA DELIMITAÇÃO DESEMPENHADA ANTONIO PLÁZIO VENTURA ANTERIOR/AÇO	TÍT. DESEMP. PELA DELIMITAÇÃO DOS LIMITES ANTONIO ANÁLIO RIBEIRO ENLARGADO/DEPARTAMENTO/DR	COMPROVADO MET. DA POSSEGA CHEFE DA DGPPI	VISTO: DAUDAIO M. P. DE MELLO DIRETOR DGPPI
		APROVADO: PAULO MOREIRA LEAL PRESIDENTE	

MEMO Nº

/DID/DGPI

Em

Do : Antonio Flávio Testa - Antropólogo

Ao : Chefe da DID

Assunto

Sra. Chefe,

Através desta estamos encaminhando relatório antropológico sobre a área indígena TABA LASCADA, designado pela Portaria nº 950/E de 28/05/81.

Atenciosamente,

Proc. 921/81

DGPI/DID/AFT/ccr.